Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

O médico e o pianista: imagens e papéis sociais em disputa no fechamento de um hospital na Faixa de Gaza[1]

The doctor and the pianist: images and social roles in dispute on the closure of a hospital in the Gaza Strip

Gustavo Farias Sixel

Palavras-chave: Midiatização; Imagens; Papéis sociais; Palestina.

1. Introdução

Entre novembro e dezembro de 2024, o Exército de Israel manteve um cerco e ordenou a desocupação do Hospital Kamal Adwan, última grande unidade de saúde em funcionamento no norte de Gaza, região totalmente destruída após mais de um ano de bombardeios. Por semanas, militares atiraram contra o hospital, sitiando equipe e pacientes, sob a acusação de esconderem militantes do grupo Hamas, enquanto o diretor da unidade, Hussam Abu Samia, em vídeos e seguidas declarações, pedia ajuda à comunidade médica internacional. Ao final, em 27 de dezembro, deixou o prédio, entregando-se a militares israelenses, e o hospital foi esvaziado. As cenas dele caminhando para se entregar, em meio aos destroços, circularam o mundo, provocando comparações imediatas com a imagem do poster do filme *O Pianista* (2002). A partir da ótica dos estudos de midiatização (FAUSTO NETO), analisamos as referências simbólicas entre as duas imagens (Figura 1), debatendo ainda os sentidos assumidos e sua relação com conceitos como o de "imagem-totem" (ROSA, 2012), e articulando a análise com o conceito de papel social, de Ágnes Heller (2008), investigando como este

[1] Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

teria sido desempenhado pelo médico palestino. Por questões de espaço, o trabalho não poderá apresentar o histórico do conflito entre Israel e Palestina, nas décadas anteriores.

FIGURA 1 - Hussam Abu Samia indo em direção ao tanque. À direita, cartaz de *O Pianista*.
Fontes: Reprodução de reportagem da NBC[2]. Reprodução internet[3].

2. Papéis sociais

A filósofa húngara Ágnes Heller (1929-2019) buscou compreender as contradições entre os papéis assumidos pelo indivíduo na sociedade – profissão, família, etc – com sua essência humana pessoal, sua *substância*, base em direção a uma vida

[2] Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=wG9GhjPps34&rco=1 >. Acesso em: 02 Fev.25

[3] Disponível em: < http://www.impawards.com/2002/pianist_ver3.html >. Acesso em: 02 Fev.25

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

com menor grau de alienação e com desenvolvimento nos diversos terrenos. "(...) os ideais de um papel conduzem tão-somente ao empobrecimento, à atrofia do homem. Levam simplesmente a uma direção manipulada e mecanizada do comportamento" (HELLER, 2011, p. 128). Sem estabelecer relação direta entre as esferas, ou seja, entre o grau de identificação do indivíduo com seus papéis sociais e um correspondente grau de alienação e atrofia; Heller estabeleceu categorias que buscaram descrever a relação com o papel social, que iria de uma identificação total até a negação – e oposição – do indivíduo ao papel social atribuído. Mas, apesar da crítica contundente, a autora afirmou os limites desta estrutura diante da complexidade e potencialidade humanas, que fazem do ser humano mais do que o conjunto de seus papéis, na forma de clichês que "jamais esgotam o comportamento humano em sua totalidade" (HELLER, 2011, p. 138).

O comportamento do médico ressalta outras contribuições de Heller sobre papéis sociais, especialmente no vínculo com comunidade ou grupo, em *dever-ser* moral. [4] A trajetória do médico indica um vínculo profundo com sua comunidade, tendo nascido em um campo de refugiados no norte da Faixa de Gaza, onde fica o hospital, e com sua família tendo sido deslocada de suas terras em 1948. Para Ágnes Heller, a pessoa "intimamente vinculada com as normas da comunidade sente a presença da sociedade mesmo quando esta não está presente, mesmo quando a pessoa em questão está sozinha. (...) Em sua mente, está presente a comunidade" (HELLER, 2011, p. 120). A autora aponta ainda a perspectiva de que o indivíduo seja capaz de "superar-se a si mesmo" quando suas ações são públicas. "(...) o homem sente mais intensamente o dever de representar a humanidade, de dar exemplo. (HELLER, 2011, p. 119)".

Seu papel social, de médico e diretor de hospital, foi utilizado por Abu Safia com astúcia, opondo-se ao fechamento do hospital e também buscando sua própria proteção. Já os demais profissionais do hospital (e pacientes) tiveram seus papéis sociais arrancados, sendo levados seminus, em fila e com as mãos na cabeça, como criminosos. Ao serem despidos dos papéis sociais, os demais médicos e profissionais foram

[6] Safia permanece preso, acusado de terrorismo, sem contato com familiares.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

enquadrados como “não passíveis de luto”, pessoas e corpos que não são lamentados. “(...) uma boa maneira de formular a questão de quem somos “nós” nesses tempos de guerra é perguntando quais vidas são consideradas valiosas, quais vidas são enlutadas, e quais vidas são consideradas não passíveis de luto.” (BUTLER, 2015, p. 63).

O papel social exercido por Abu Safia esteve simbolizado em sua vestimenta, o jaleco, usado como uma espécie de escudo, [5]mas como em outras situações semelhantes, incapaz de garantir sua proteção. Ana Rosa (2020), em análise sobre o assassinato de um jovem negro e periférico no Rio de Janeiro, mostra como o uniforme da escola não o protegeu do tiroteio, mas teria se convertido em uma “imagem-símbolo do não corpo”. “É a imagem da camiseta do uniforme escolar, manchada de sangue, que se transforma em bandeira e manifesto, e, a partir deste momento, o próprio jornalismo revê sua argumentação, pautando-se pela comoção da mãe (...)” (2020, p. 200). Ou seja, o uniforme, símbolo do papel social, torna a vida do jovem passível de luto.

Após semanas de ataques, com mortos e feridos, um cessar-fogo ocorreu para a que o médico se entregasse. Nossa hipótese é que, neste momento, o exército israelense teria reconhecido a força midiática e simbólica exercida pelo papel social do médico, que caminharia vestindo seu jaleco, tendo buscado produzir (e circular) imagens de um contato respeitoso e civilizado do momento da entrega, com os militares o recebendo dentro do tanque com um aperto de mão e sorrisos, antecedendo sua prisão[6].

3. Circulação e sentidos das imagens

> Pensar as imagens hoje é pensá-las na ambiência da midiatização, uma vez que os processos sociais estão atravessados pelas lógicas da mídia. (...) imagens-totens, portanto, fruto de uma crença simbólica, passam a hierarquizar/organizar as demais imagens a respeito dos acontecimentos em função do seu poder, restringindo a interpretação e a existência. Porém, tal processo só se efetiva no âmbito do comunicacional. (ROSA, 2014, p. 28)

[6] Safia permanece preso, acusado de terrorismo, sem contato com familiares.
[6] Safia permanece preso, acusado de terrorismo, sem contato com familiares.

Inicialmente, cabe indagar se a imagem do poster do filme *O Pianista* (2002) poderia ser compreendida como uma *imagem-totem*, segundo o conceito apresentado por Ana Paula da Rosa (2012). Alguns motivos, que se entrelaçam, nos levariam a evitar este enquadramento, sendo o mais evidente o fato deste não configurar-se como uma imagem *real* do Holocausto, mas uma representação, parte de um filme, ou seja, de uma ficção, mesmo que o roteiro tenha se baseado na historiografia e em sobreviventes – o relato autobiográfico de Szpilman e ainda memórias do diretor, Roman Polanski[7]. Esta ausência de autenticidade poderia ser relativizada pela proximidade com o *testemunho*, que se tornou a principal fonte da memória da *Shoah*, sobre a indizível engrenagem projetada para exterminar judeus, ciganos, homossexuais, pessoas com deficiências (PCDs) e comunistas; com propositalausência de registros visuais.

> (...) como Himmler afirmou no seu famoso discurso de Posen, "o genocídio dos judeus seria uma *"página de glória não escrita e que nunca deveria ser escrita"*: ou seja, encontrava-se no cerne da empreitada nazista de aniquilação dos judeus o ato de apagar qualquer traço *desse* assassinato. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 78)

Não é nosso objetivo revisitar o debate histórico sobre imagens e a *Shoah*, protagonizado por Didi-Huberman e Claude Lanzmann (FELDMAN, 2016), aqui nos limitaremos a registrar a existência de "imagens-totens" (ROSA), *sobreviventes*, que mesmo lacunares, assumem o sentido de um lampejo, evitando a desaparição visual total da *Shoah*, e que se somam a outras do período (*Figura 2*), tecendo um imaginário sobre o genocídio nazista, lembradas quando se pensa no Holocausto.

Figura 2 - Auschwitz após libertação; fotografia de corpos perto das Câmaras de Gás em Auschwitz; Gueto de Varsóvia; Frase "O trabalho liberta" no portão do campo; jovem em Auschwitz

[7] Polanski assinala memórias no filme: *"A primeira vez que vi um alemão foram soldados marchando sobre Varsóvia. Lembra-se da sequência de* O Pianista*? Foi exatamente como eu a vivi."* Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/07/cultura/1386436968_879436.html >. Acesso em: 01Fev.25

Anais de Resumos Expandidos
VII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

4. Considerações finais

Uma hipótese a se investigar é a de que a imagem do poster do filme, mesmo se tratando de uma representação, venha a integrar o repertório sobre o Holocausto, fazendo parte de seu imaginário. "(...) quando pensamos em imaginário midiático, estamos pensando em um conjunto de imagens que circulam e que, portanto, acionam sentidos múltiplos em torno de determinadas questões. (ROSA, 2020, p. 190)". Nos parece possível, que o poster, ainda que não se efetive como *imagem-totem*, por não ser reconhecida como real, possa integrar este imaginário, somando-se ao conjunto de imagens midiáticas precedentes. Neste caso, a imagem, além de remeter ao seu referente original (o filme), na midiatização assumiria relativa autonomia, descolando-se em parte de seu referente e passando a integrar o repertório sobre o Holocausto.

Assim, considerando o poster neste imaginário, estabelece-se uma referência simbólica entre as imagem do médico palestino em Gaza com a do pianista judeu na Polônia – ambos sobreviventes, caminhando em meio aos destroços, com planos e enquadramentos semelhantes. Esta semelhanças fazem com que as cenas do médico palestino caminhando ao tanque, provoquem, pelo poder simbólico, referências ao Holocausto, acentuando disputa de sentidos e de valores que têm sido permanente nesta fase do conflito (DOS SANTOS *et al*, 2024), mas que podem se alterar na circulação. "valorizações se dão não por um agente ou outro, quer dizer, não é o jornalismo que

define um enquadramento sozinho, tampouco é uma instituição, mas na midiatização essa processualidade se dá em interação e de múltiplas formas. (ROSA, 2020, p. 204)

Desta forma, podemos concluir que Safia teria preservado seu papel social, como médico e diretor, após ter travado uma disputa midiática durante o cerco ao hospital, na qual teria sido responsável ainda pelo próprio *enquadramento* (BUTLER, 2024), incluindo o momento de sua prisão, evitando seu apagamento. Suas imagens caminhando circularam e integram o repertório e o imaginário deste conflito. Ainda que tenham sido produzidas pelo exército israelense como tentativa de agenciamento, o resultado parece ter sido o inverso, gerando referências ao Holocausto, após penetrar no terreno da circulação, "(...) concebida como 'região' na qual os sentidos não apenas transitam, mas também são tecidos" (FAUSTO NETO, 2018, P. 30). Ao circular, o sentido da imagem se transformou, a partir da interação com precedentes e imaginários.

Referências

BUTLER, Judith. Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DOS SANTOS, Bruno Cordeiro; GUTHEIL, Luiza Bayer; PADILHA, Gabrielli Leiria. O evento midiatizado nas capas de revistas semanais sobre a guerra entre Hamas x Israel. Anais de Resumos Expandidos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 6, apr. 2024. ISSN 2675-4169.

FAUSTO NETO, Antonio. Mediação, midiatização: Conceitos entre trajetórias, biografias e geografias. ***DeSignis***, Rosário (Argentina). n. 37, p. 45-55. jul./dez. 2022 .
_____. Circulação: trajetos conceituais. ***Rizoma***, Santa Cruz do Sul, n. 2, p. 8-40, dez. 2018.

FELDMAN, Ilana. Imagens apesar de tudo: problemas e polêmicas em torno da representação, de *Shoah* a *O filho de Saul*. **ARS**, São Paulo, n. 28, p. 134–153, jul. 2016.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história.* 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROSA, Ana Paula da. A imagem em circulação: estilhaçando o olhar e a memória. In:

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 7 (2025)

FERREIRA, Jairo et al. (org.). *Midiatização, polarização e intolerância: (entre ambientes, meios e circulações).* Santa Maria: FACOS - UFSM, 2020. p. 187-208.

_____. Imagens-Totens em permanência x tentativas midiáticas de rupturas. In: ARAUJO, Denize Correa e CONTRERA, Malena Segura (orgs.). *Teorias da Imagem e do Imaginário*. Compós, 2014. p. 28-49.

_____. Imagens-totens: a fixação de símbolos nos processos de midiatização. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Walter Benjamin e a guerra das imagens.* São Paulo: Ed. Perspectiva, 2023.